

## Urbano Bettencourt lança hoje novo livro

# “É o livro em que melhor me reconheço como autor de ensaios literários”

*“Sala de Espelhos” é o título do novo livro do conhecido escritor e ensaísta Urbano Bettencourt, com chancela da picoense Companhia das Ilhas, que vai ser lançado hoje, às 18h30m, no Centro Cultural Natália Correia. Urbano Bettencourt (Piedade, ilha do Pico, 1949) é um dos intelectuais de maior destaque na vida cultural dos Açores. A sua obra, iniciada em 1972, contempla o ensaísmo, a poesia e a prosa de ficção. Como ensaísta, tem um trabalho continuado sobre a literatura feita nos Açores, e também um olhar informado sobre o que acontece na área da Macaronésia (Madeira, Canárias e Cabo Verde), em livro e em revistas da especialidade (nacionais e estrangeiras) e na imprensa açoriana. Na ficção e na poesia, publicou cerca de duas dezenas de títulos. O Diário dos Açores estabeleceu uma breve conversa com o autor sobre a nova obra*

**“Sala de Espelhos”, a sua nova obra lançada hoje em Ponta Delgada, é uma colectânea da sua vida literária ou apenas mais um exercício de literatura?**

Corresponde sobretudo à segunda parte da pergunta: mais um trabalho de investigação literária: ao mesmo tempo uma análise de obras e uma procura de enquadramento da sua situação concreta, das condições em que surgem algumas delas.

E são textos escritos quase exclusivamente depois de 2002.

Numa outra perspectiva, e atendendo à informação veiculada ao longo dos meus ensaios, o livro representa cerca de quarenta e dois anos de investigação traduzida em dossiês de documentos, recortes, centenas de fichas e apontamentos, cadernos de anotações e mesmo os planos e os «papéis» das minhas aulas de Literatura Açoriana na Universidade dos Açores.

De resto, este livro é antecedido de outros seis de ensaios, aí incluída a monografia publicada em Cabo Verde (1998); mas a Sala de Espelhos é o livro em que melhor me reconheço como autor de ensaios literários.

**Nos 40 ensaios escolhidos há uma linha comum que pretendeu impor ou foram escolhidos sem nenhuma outra intenção?**

Há, em primeiro lugar, um critério de (aproximada) organização cronológica: do século XIX faialense a autores recentes (como Joel Neto, Nuno Costa Santos ou João Pedro Porto, por exemplo).

Entre esses dois pólos fica espaço para as dinâmicas literárias e culturais de Angra do Heroísmo e de Ponta Delgada, sobretudo a desta última e do seu meio-século.

Isso quer dizer que, para lá da análise literária individualizada e pontual, há também uma componente de história literária, em que a investigação da imprensa desempenha um papel fundamental, por permitir avaliar o papel social atribuído à literatura num determinado tempo e num espaço definido, o contributo da mesma imprensa para



a formação dum público e dum gosto e, numa dimensão mais imediata, a sua função como veículo de divulgação ou publicitário.

Como afirmou Pedro da Silveira alguns, uma parte da literatura açoriana está nos jornais; não apenas no que respeita aos textos literários propriamente ditos, mas também, e talvez sobretudo, quanto aos elementos imprescindíveis para conhecer a sério e a fundo o percurso da literatura açoriana (evitando o recurso à repetição estafada de lugares-comuns).

O livro não tem a pretensão de estabelecer um qualquer cânone oficial, mas reflecte sobre livros e autores, alguns dos quais até nem costumam ser muito referidos, mas cumprem no seu tempo um papel a ter em conta, não menosprezável.

E para lá disso lança alguns olhares sobre outras literaturas insulares atlânticas, a da Madeira e a das Canárias e principalmente a de Cabo Verde, por via desse momento histórico em que o modernismo cabo-verdiano se projectou sobre os Açores e a sua geração (sobretudo micaelense) de quarenta.

**Há algum dos ensaios que queira destacar?**

Eu podia responder como o peralvilho referido pelo cronista e que gostava de enfatizar: «Gosto principalmente de tudo.» Mas destaco o ensaio sobre os Bandos de Entrudo na Piedade (a minha freguesia natal) e os três capítulos dedicados ao poeta terceirense J. H. Santos Barros – por razões muito do coração e do afecto, naturalmente.

**A Companhia das Ilhas tem sido uma ótima “companhia” para a literatura açoriana?**

O Carlos Alberto Machado e a Sara Santos têm feito, a partir das Lajes do Pico, um trabalho notável com a sua Companhia das Ilhas, em prol da literatura em geral e da açoriana em particular (basta ver o catálogo da editora, que não se restringe a autores açorianos).

E a reedição da obra completa de José Martins Garcia, de Álamo Oliveira, de Vitorino Nemésio (em parceria com a Imprensa Nacional), e a partir de agora também da minha própria obra, é um projecto arrojado (e arriscado), mesmo que nem sempre tenha a esperada e devida resposta pública.



E é preciso ver ainda que todo esse projecto editorial se desenvolve no quadro de constrangimentos que todos conhecemos, a que acresce a crónica situação deficitária da literatura nos Açores, em termos institucionais, em que o seu quase total apagamento no espaço público se conjuga com a descontinuidade territorial e a circunscrição das livrarias a duas cidades açorianas.

A abertura da Livraria Companhia das Ilhas, nas Lajes do Pico a 12 de Novembro próximo, é mais uma tentativa de remar contra as marés e as mentes e por isso mesmo constitui um sinal positivo a saudar efusivamente.

**Depois de Ponta Delgada, o que se segue?**

A pandemia é quem mais ordena, como se sabe.

Depois da sessão restrita no Centro Natália Correia «segue-se» outra vez Ponta Delgada: com uma sessão de autógrafos muito sui generis (com máscara e distância física) na Livraria Solmar a partir das 18 horas do dia 13 de Novembro.